

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

REGISTO BIBLIOGRÁFICO.

ALMEIDA, Eduardo de

Ano: 1921 | Número: 31

Como citar este documento:

ALMEIDA, Eduardo de, Registo bibliográfico. *Revista de Guimarães*, 31 (4) Out.-Dez. 1921, p. 341-360.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

Já de véspera, terça de Entrudo, se queixara — «Isto está por pouco...» —, escreve, a um, o seu testamento, que é aprovado a 3 pelo notário *Fazenda*, e — «aos quatro dias do mês de Março de mil novecentos e onze às dez horas da noite, na rua de João Vaz, desta freguesia de S. Vicente, concelho de Cuba, diocese de Beja, faleceu, sem ser sacramentado, um individuo do sexo masculino por nome *José Valentim Fialho d'Almeida*, de idade de cinqüenta e três anos, médico e proprietário, natural de Vila de Frades...» O pároco, cônego *Luciano Barata Mendes*, à semelhança, diga-se, do que o obituado fizera em seu testamento, pensou ao exarar o assento que, nêsse dia, apenas morrera o médico e o proprietário, encadernação social do homem — se outras estorceduras de consciência lhe não entorpeceram a mão. O escritor, não.

Pouco depois, o entérro foi na manhã de 6, apareceram na montra do *Teixeira-editor*, que fôra nomeado testamenteiro, alguns livros — «*Barbear, Pentear*» (a capa vem datada de 1911, mas, dentro, na fôlha de rosto, marca ainda 1910), *Saibam quantos...* (onde se anunciavam, como a sair do prelo, as *Figuras de destaque*, ainda até agora recolhidas), e, bastante mais tarde — de 1912 a 1921 —, os dois últimos: *Aves Migradoras e Estancias d'Arte e de Saudade*.

Fialho dispusera — «Os papéis manuscritos, cadernos de apontamentos, jornais, brochuras, etc., onde venham artigos meus, serão minuciosamente examinados por *Xavier Vieira* e *António Maria Teixeira*, inutilizando-se os apontamentos e papéis que só a mim interessam, e ficando a matéria publicável pertencendo a *António Maria Teixeira* que dela fará o que quiser. A êste meu amigo lego também a propriedade de to-

dos os meus livros, publicados ou em projecto, para que faça edições e disponha como entender. . . . »

Os organizadores do *In Memoriam* tinham notado, pelo que ouviram de *Joaquim Madureira* (que manuseou os inéditos e dispersos) que do grande escritor «pouco mais de meia-obra se conhece». E de certo bem assim é.

Na autobiografia («Eu») do *Á Esquina* (editado em Coimbra — 1903), êle se desalentava de haver escrito, vencido o curso, cêrca de mil e trezentas páginas por ano, achando-se publicados, até então, «seis volumes de contos e *bluettes*, cujas matérias somadas perfazem alguma coisa como mil novecentas e oitenta páginas compactas». A seguir àquele, não falando nos póstumos e reedições (*Contos, A Cidade do Vicio, Vida Ironica, O Paiz das Uvas, A' Esquina, Os Gatos, Fialho*), apenas, e de colaboração com *Henrique de Vasconcelos* e *Manuel Penteado*, nos deu o *Livro Proibido* (1904).

Abriram praça as zargunchadas feias ao escritor. Êle não tem, como o genial Camilo, tam seu afim intellectual, a consagração modelada nas formas protocolares e académicas. Os feitores de crónicas à immortalidade e os mestres compendistas hesitarão ainda, no enfronhado receio à cacheirada ou malquerença dos pontifices, botequinistas, pais de meninos e politicantes de qualquer das castas (que nem numa, nem noutra lhe perdoam) em citar-lhe o nome como um dos que engrandeceu o tempo baixo e negro, muito sujo de interesses, da sua actividade literária e via dolorosa. Não amalta a bisonhice enconchada dos panúrgios que dizem sempre que sim e amém, e desconcerta os géometras do equilibrio, os que estendem o fio do babo, trémulo, ao póido das frases emmesmadas no monocórdio do verbalismo vulgar, hirtas na sintaxe, píffas na côr, mas calçadoiras e fofinhas, como os chinelos de trazer por casa, prosa-esqueleto, engomada prosa de brunideiras, ôca e reluzente. E, curiosíssima pequenice, nem mesmo, ao truculento farsista de carnavais, com bisnagas fétidas e soantes chalaças portuguezas, lhe sublinham, isso nos valha, como às celebridades admitidas, acomodadas na morte ao egoísmo dos vivos, com sorrisos frascários, as passagens escandalo-

sas: não eram deslizes apimentando aqui e além a solene compostura e impingindo ao freguês a mercadoria, antes naturalidade, sarcasmo, dor: de geito que, ido o primeiro pasmo garoto — ora bolas! isso não vale! — havia miúdo dentro...

Em dois lugares comuns fundamentam os considerandos da sentença em que pretendem julgá-lo: não fez uma obra, estropiou a língua. Nunca o pude ouvir a sangue-frio. E, como não armo em crítico, direi porque, resumindo. *Fialho* mesmo se queixava e respondia — «O primeiro ponto é bem notado, e eu mesmo me entristeço de até à hora presente não ter senão uma efémera bagagem de historietas de espuma e artigos «mais ou menos verrineiros». Pouco importa que essa obra faça o melhor de cinco ou seis mil páginas, e represente a fadiga de mais de quinze anos de nervos excitados. O público entre nós não diviniza senão fabricantes de grandes calhamaços (critério natural num país onde a leitura é tôda de lombadas), e mesmo que eu fizesse, naqueles pobres bocados, maravilhas, passaria sempre por um cronista aguado das futilidades mansas do meu tempo.» Acontece que essas verdadeiras maravilhas são porém sempre ao fim apontadas pelos mesmos que, pela força automática que veio ganhando o senão, o debicam e rilham de mau humor, e apontadas naquela não fingida emotividade com que só as obras de arte, imortais, ascendem no espírito atento, suspenso de enleio, perturbado de ascese, na irmanação do sentimento, no vibrar rangido dos nervos, na cegueira à luz do génio, no deslumbramento à côr, justa, shakespereana, gemente, soluçante, da paisagem: dessa natureza com sangue e alma que viveu e pintou como ninguém, inconfundivelmente, na língua portuguesa — *A Ruiva, O Violino do Sergio, Madona do Campo Santo, Os Ceifeiros, O enterro de D. Luiz, Fantasmagorias da noite: os carros p'ro mercado* (abrindo a *Vida Ironica*), o *Ninho d'Águia, Pelos campos, Os pobres, Tres cadaveres* («panno famoso, 22 jardas...»), *Amor de Velhos, Fantoche, O Sineiro de Santa-Agatha* —; páginas dispersas — a sua poesia de sarcasmo e de revolta, a sua grande inclinação pelos humildes, a que tam consubstancialmente casava as torturas do seu espírito de visionário e de estudioso,

de psicólogo minuciador e desvairado — do *Jornal d'um vagabundo* —, ou ainda os repousos droláticos — *Os cabelos d'Alzira, A verruga, As Phases da Lua, Para o senhor padre!* —. Havia aí génio que bastasse a sagrar vários escritores em qualquer país e em qualquer tempo. Mas vem o *avaloador* e começa a medir as páginas à polegada e os lombos do volume a côvado... Literatura que não agüente as estiradiças até às 350 fls. in 8.º não chega ao estalão. E vamos nisto — ora, mas uma obra, uma Obra! —, confundindo, por Deus!, contos e romances, novelas e rocamboles, o drama incisivo e rápido com o preparo, o entrecho, a efabulação, os actos e quadros, o marche-marche cronométrico de qualquer incidente rueiro e comum, fútilmente bagatela, e, calhando, na mesma frase em que nos carpimos de não levar hoje, com a gasolina do andamento em que tudo automobiliza, o celebrado *Zola* de fio a pavio e trazemos da estranja, para exemplo, o poder sugestivo de estudos e quadros no estilo, cenário e tempo apropriados ao assunto. *Barbey d'Aurevilly, Poe, Villiers de l'Isle Adam, Maupassant...* os admiráveis contos de *Flaubert, Anatole France, Gourmont, Régnier, Blasco Ibañez, Jean Moréas, Emile Bergerat, Maurice Beaubourg...* as anotações à vida dos humildes dos escritores russos... outros, tantos, mesmo brasileiros ou inda nossos, mas sem o «cadastro» demoníaco do pobre Fialho, que nasceu em Vila de Frades e morreu em Cuba, pela quaresma, às dez da noite...

Quando vem a pêlo a maneira de escrever do *Fialho*, muitos se avermelham, desgeringonçados, à palmatoadada. E logo, num velho propôsitozinho maldoso (o terrível poder da sombra...) o sabatinam com o *Eça*. Que sim, concordam — agora! — os maraus, que o *Eça*, tanto ano reprovado por escrever português à francêsa, alimpou a vista ao estilo, clarificado, preciso, ironizou-o com sobriedade, e, utensilizandose de singelo e comezinho vocabulário, abriu-lhe as asas, deu ritmo e brilho azul e oiro às concordâncias mai-las regências, até então estudantinhas acanhadas. Nada mais verdade. Todo me regalo de o ouvir. E' que a gente, de rapaz, tem umas ideas, amores, simpatias, muito ralhadas dos velhotes, e depois vê crescendo, entrando

na vida, a ganhar carreira, e, de suspeitas, com retra-to na policia, arvoradas em comenda de S. Tiago.

O ruinzinho está no confronto néscio, perfeita-mente idiota, de dois escritores de temperamentos, in-tuitos literários, ideas e tendências ímpares, disformes. *Eça de Queiroz* adaptou com subtil engenho e fino gôsto uma escrita molenga, pastosa, com catrapiscos saloios a arremedar sulcos de relâmpagos e fanados miosótis, artificiais, muito lambidos, ao sabor casti-lhense, a um estilo correntio, claro, natural e culto na ironia, inteligente, criterioso na disposição e estética, tal qual a feição dos seus romances modelares (1). O raro valor de *Fialho d'Almeida* — e em que isto, almi-nhas do céu, os obriga feiamente a bulhar? — vem de modalizar a prosa às cambiâncias do assunto que en-frentava. Não apenas, como deixa perceber *Antônio Sérgio*, nos *Ensaio*s, livro de claro pensar e dizer ousa-do, desiludida obra dum espírito apreensivo e irreve-rente, com a mira da «escritura artística», mas para dar tôda a vida ao quadro — a côr da paisagem na

(1) *Eça de Queiroz* deixava-se cair, e não de muito em mui-to longe, em arrepios de frases duma cacafonia molesta, uns II e n n teimosos, ingurgitantes.

«Comprei, habitei o paçacete amarello, ao Loreto: as magni-ficencias da minha installação são bem conhecidas pelas gravuras indiscretas da «*Illustração* Franceza». Tornou-se famoso na Euro-pa o meu leito, d'um gosto exuberante e barbaro, com a barra re-coberta de laminas d'ouro lavrado, e cortinados d'um raro brocado negro onde ondeiam, bordados a perolas, versos eroticos de Catul-lo; uma lampada, suspensa no interior, derrama allí a claridade lactea e amorosa dum luar de verão.» — (*O Mandarim*, cap. III).

Seria fácil referir muitos exemplos: «*a alma lhe limpa*», «*esperando através da treva a vela*», «*uma força facil*», «*lampejavam relampagos languidos*», «*um longo olhar ao leito que seria o leito d'ella*», «*uma fina frescura*», «*os cabellos rareavam-lhe na riscã*», «*as lagrimas lhe correram mas lentas*», «*como coisa suja e só*», «*se me fez o fado triste*»... e mostrar ainda como, período a pe-ríodo, se torna alcatruzante, monótona, idea fixa, a posição, ma-çada como estribilho, de dois bem acentuados adjectivos, dois têr-mos de oração, parelhas choutosas como as da fila dos carros à ro-maria, intermínua, que pegou na moda e nos cozinha «o escrever à Eça». Mas afinal são mesquinhiçes que em nada prejudicam o seu indesmentido valor.

reprodução verbal, o alucinação do sonho pela nubilização electrizante da frase, a chalaça grosseira no vocabulário plebeu, futrica à futrica e hamléptico na tragédia. O violino do Sérgio está gemendo, soluçando, musicando os períodos. Assim o queria o artista e amplamente o realizou. Confronte-se a sinfonia da primavera com um quadro de burguesia, a ardência sufocante, dolorosa, febril dos ceifeiros com as páginas de chuveiro e lama, a expressão idiliar da madona com a verrina sarcástica do panfletário. E depois essa da francesia, excomunhão maior e irremissível, generalizada com simpleza por sobejo magistérica, como fundamental e constante defeito da sua construção literária, não resiste a exame sério. Pecadilhou além do medíocre no galicismo. Era por vezes a irritação do perseguido às surriadas da crítica. Mas, e por amorável tendência do seu espírito, melhor diríamos do seu coração, tam perto, tam amigo, tam parente da verdadeira miséria dos sem-nome, êle aproveitou com enternecida piedade o falar do povo, característico, ineruditável. Nos quadros morais, no mexer de figuras saloias, campesinas, lá estão com sabor e muito a propósito os mais expressivos provincianismos. E quanto velho termo, caído no esquecimento, não trouxe do passado e dos poeirentos clássicos!

O dr. *Claudio Basto*, na sua contribuição para o *In Memoriam (A Linguagem de Fialho)*, como em tempos fizera («Norte») *António Barradas* com os *Contos*, dá-nos um escolhido vocabulário fialhêsco, e pena tenho de que não levasse até hoje avante o seu intuito de o completar. Agora, ao passar, em concentrado êxtase, as páginas das *Estancias d'Arte e de Saudade*, onde tanto se revela o valor do grande escritor, apontei ligeiramente alguns termos e expressões que bem demonstram quanto era variado e rico o seu poder artístico, a magnética sugestão do seu espírito inquieto, nervosado, original, traíndo uma das mais angustiadas sentimentalidades de tãda a nossa literatura. Resumo-os aqui, breves notas a lápis.

bracadeiras do Gery — de bracear, bracejar : os braços, as margens prolongadas?

transfiltrar — infiltrar, no sentido de pais a filhos, de além para cá, de passados a vindouros.

petrexal de trabalho — a ferramenta, o conjunto dos apetrechos do trabalho.. Devia ser, portanto, petrechal, ou apetrechal.

nitidez cutelar

curvejadas e lindas espirais

castelos parranas — parrana é têrmo conhecido.

pinhos, arestisando no céu lombas dramáticas — cortar como em aresta, ou de aresta.

coquetice — fr.

mais brandeira — mais branda, mais lisa, mais serena de recortes.

vaporinho — vaporzinho.

aquatintado

bandeleta — de banda.

escadozes babosos de limugem — escadoz é repetido por Fialho no sentido de escada.

jogos de barra e de paulito — paulito é o alvo na malha, chinquillo, etc.

penduras de cebolinho e de melões — de pendurar.

safirina — água azulada das redomas de botica.

granito de bago descarnado — bago : grão.

casotas javardas e sem tipo

fazem benitérios — pias de água benta.

rocalhosa — de «rocaille», rocalhosa.

cresteria — de «crête», crista?

esclerozadas — esclerose.

povitos — pequenos povos ou lugares.

lavis — de «lavis» (fr.), aguada, aguarela.

cyanosar — de cianose, coloração azul ou lívida.

palações — (palação) — palácio grande.

cidade adentrada — do interior, a dentro.

fosfenou-se um momento de calças brancas — de fosfena ou fosfeno — impressão luminosa.

cremor de tartaro — falando do vinho verde.

cestos almoceiros — «almoçadeiros», do almôço.

dedos de palmouras — palmoira — pé das aves palmípedes.

fuinhar — de fuinha.

silvas e floretas — de flor.

- bonecage* — de boneca, bonecagem.
parochias d'architectura lardacea — de lardo, ornato. Talvez influência de Camilo.
clarescuradas — claro-escuro.
repastos de salitre, simulando nódoas de gordura — de repassar.
fendilhar — abrir fendas em.
churriguerescos portões — do cast. Churro — sujo?
um mirante, airando — aberto ao ar.
barbarenga — de bárbaro.
enxertaria — de enxerto.
ponto de cachondeio das sopeiras e mulherucas — do prov. cachonda, cio das fêmeas.
taslinas — mulheres ordinárias. De talina, género de plantas portuláceas, como é também a beldroega, e por esta no sentido achincalhativo? Já ouvi ao povo — «Olha a beldroega!...» —, na mesma expressão.
xarepes — homens vis — charepes — dic. Charepe — pequeno cereareiro: veja o cuidadoso «Vocabulário alemtejano» do Sr. A. Thomaz Pires — Elvas, 1913.
populeira — do povo.
porcaz — porca, imunda.
côro das carcaçadas — de risos e mofetes. Talvez de carcás ou carcassa, como explosão estrídula de matérias inflamáveis. Carcajada, carcalhada. N.º «Os Gatos» escreveu — carcachadas.
relojete — relógio pequeno.
guizos e fritangas — de cozinha.
chosco — por chasco? modulação provincial ou êrro tipográfico?
pareca das bilhas — ?
rustem os mariolões — rustir, repontar, porventura infl. de rústica, falazar rústicamente.
targalho — naco ordinário e duro de comida.
bigotudo — de grande bigode.
manjadura — manjedeira.
sortis — sortir, sair. E.º o fr. «sortir».
sita — lugar, sítio. Sito: vej. «Voc. alemt.» de T. Pires.
quintas d'imparrado — de vides de enforcado.
bisonheria — bisonhice.
olhos sanguinolentos, farésios de palpebra
voz gochinada — de goche ou gocho — desafinada.
podrideiro — cemitério.

- avemariar* — rezar aves, ciciar em acompanhamento.
- as fontes telingam* — pingam.
- xarifas* — de xerife, ou xarife — coifa, chapéu. Não dicionarizado neste sentido.
- repausa* — descansa, refastela-se.
- labrósticos* — de labroste.
- murraças* — vinhaças, vinho ordinário. É provincialismo minhoto.
- emuralhado* — emuralhar, cercar de muralha.
- destravadas mariolices*
- platós e vales* — «plateau» (fr.): planura, planalto.
- em nuvrizas mendigas* — em nuvens, em bandos. Do trasm. «nuvre» — nuvem, também usado no Minho, ou, como no cast. «nuble», e «nublem» e ainda «nuve» e «nubele», êste muito soado pelos que presumem de bem falantes.
- ainda mocha de torres* — inda sem tórres. De mochar — cortar um membro —, cortada, falta de. *Mônas* — dizem aqui das cabras deschavelhadas. Não sei se ao Alberto Braga, que tam diligente e criteriosamente entesoura o vocabulário do povo, terá escapado o prov. — se tal, por milagre, aconteceu, que o registre.
- floresta cercana* — próxima, cêrca, nas cercanias.
- olhos pretos ramudos* — pestanudos.
- caniço* — «ou taipal de vimes cesteiros», caniço, caniças ou caniçada — «espécie de grade feita de vêrga entrançada, que se coloca ao lado dos fueiros quando a carga é de objectos miúdos (fôlha, estrume, rapão, etc.)» — (A. Gomes Pereira: «Tradições Populares, Linguagem e Toponymia de Barcellos», Livr. Espozendense, 1916, pág. 210 e 214 a 215).
- amura* — bôrdo, restringindo ainda o sentido com que Camilo empregava «amurada» — muro, parede.
- nombril* — umbigo.
- vinha d'espaldeiro* — mais conforme ao nosso dizer que a espaldeira regist. em C. de Figueiredo.
- irrefutaveis malgas de verdasco* — Irrefutável é empregado e conhecido, pròpriamente, como aqui, por que se não pode recusar.
- enxugue* — como subst. Nós dizemos também enxugo — o enxugo, como subst.
- um «joujou»* — um brinquedinho.
- romão* — românico. Assim escrevia Fernão Lopes.

gothico florido ou «flamboyante» — flamejante, do francês.

tarjeia — lápide, de tarja.

igrejóta do campo — igrejola. Aquela forma é corrente entre nós.

baldaquinho — baldaquino.

pastugal maninho — pastural, de pasto.

grossas travas de carvalho esculpturadas — traves.

chusmas de pilhos jogando os chancros

por entre o bastio do mato — por entre o basto mato. Bastio vem dic. como locução alent. dizendo espesso, moitas densas.

muralha fernandina — de D. Fernando.

vendo o Tejo deante a esfugar-se nas arêas — a espreguiçar-se, a desaparecer.

peguinhar — peguinhar, de pèguinho — palmilhar, marcar com os pés, deixar pègadas.

mal'as moedas — mal-las, mais as.

lotarêus — «ou gigantes de pedra».

zoinava a falta das visinhas — estrugia, mexericava. De zoina, zania.

sitando — sitar, ficar sita ou situada. Veja atrás — sita — lugar, sitio.

«*mulheres dos montes*» — «são, na lingua do seculo XVI, as que vivem nos campos, em casacs isolados. «Monte», nas herdades kilometricas do Alemtejo, é ainda hoje a casa onde vive o couteiro ou maioral, e mais creados.»

matasanos — «médico, curandeiro».

linhos e estopas de fuso e têa

o borbilho que gastam os serigueiros — borbadilho, torçal.

ás rumadas — em rumas ou rimas.

sobre esteirões e larâus de grossaria

sob tesminos d'alho e rapozun

caravellos — caravelas.

repoupos de lobo em jaula estreita — saltos.

olhinhos de jaiz — de jalde? amarelo.

circula a pobla dicaz das senhoras — o povo, a multidão. De «puebla».

guçadas — excitadas, apressadas. De guça.

a carapinha em crenchas — tranças. É' termo conhecido e dic., mas opõe-se a carapinha, empregado aqui em sentido desprezativo, ridicularizante.

chafrafrá das vozes e dos gritos — chinfrim.

ignidade — ignição, de ígneo.

esmaído — esmaecido.

louça ratinha da mais primitiva moldagem — pequena, ordinária.

alpendroadas — alpenduradas, alpendradas.

como os botões recomidos — esbotenados.

troncos rocados onde enxuga a roupa espendurando-se-lhes dos — dependurando.

a apercepção da cidade — o avistar.

farejais — farejal — farrajal, forrajal, ferrajal — «Voc. alemtejano» — ferrajal.

a cahida singular que paira na cidade — morrinha, silêncio.

commado — «como os naturais (de Évora) chamam ao hotel». Cómodo, quartel. *Cómmado* — Vej. «Vocab. alemt.» cit. O nosso povo diz «arranjei cómodo», ou quartel: quarto e comida.

entretengas — entretenimentos.

perspectiza — de perspectiva.

escadinholas — pequenas escadas.

janelliculas — pequenas janelas.

mimeira — mimalha, grácil, mimosa.

tão ricamente decoraes — decoral — decorativo.

d luz morrente

tatibitateando — tatibitatear — de tatibitates, tataranha.

O nosso povo diz — «Pobrezinho, êle é tato!» —, ou de tatejar: — «Ui! como êle tateja...» —

talhas de barro pesgádas — de pesgar, pêsga, barradas interiormente de pez.

destrelados — Fialho, no passo, não quer dizer destrelados, desligados da trela, mas puxando, tirando às trelas. Os cavalos destrelaram — começaram a cavalgar. Tenho idea de o ouvir no mesmo sentido a cocheiros de diligências e assim com certeza o disseram no Alto Minho. — «Destrela daí pra fora» — larga daí: é usual entre nós.

...á uma... á outra... — popular.

delongar — não por demorar, mas como alongar.

tardes espairantes

tem o firman do século XVI — o cunho, as características, o tipo de estilo. Porventura sugestão de firmão

(pers. «farmen» vej. C. Figueiredo) ou de «firmare» latino.

debitando nomes, títulos e a era — declinando, inscrevendo.

achegadas — próximas, de chegar. — «Os meus parentes mais achegados, que inda não passaram, são...»

— «É um quintalório mesmo achegado ao teu...» —

como o pietismo formalista do seculo passado deixou garotar o azulejista — não é seita, nem fanatismo, sim o estilo de piedade, aliás formalista, do século.

mamelas á mostra — despeitoradamente, esmamalhada.

um frontal de tisso — tisso.

circumtornando as casas

mandou dar de convinte — como prova de gratidão. Por infl. de convindo, no sent. usado em clássicos.

aziatismo chalro — de chalar, gritante, barafúndico.

sustadas a cunhaes — sustentadas, amparadas, poisando em.

milagrice

ninguem symphonisa o paladar mais finamente

fructedos — pomares. Há proprietários rurais que assim o designam. — «A quinta é pequena, mas não má. Tem casa, seu frutedo junto, reserva que deve dar duas pipas...» —

doces mosteiras — mosteiral, do ou relativo ao mosteiro.

a clientella das aristocráticas presenteiras — presentes.

Falcôas — «No Alemtejo ha o costume de distinguir generos até nos apellidos. As senhoras da familia Carvalho, são as Carvalhas, as da familia Falcão, são as Falcôas... Conheci n'uma aldeia do districto d'Evo-ra, mulheres da familia d'um emigrado francez d'apellido Claret. Eram as «Claréas» em toda a parte!»

relevuras d'espigas — relêvos.

que vestibula — «vestibular» (v.) — de vestibulo.

barranhões dos chiqueiros dos porcos — barrenhão.

lacrimários — lacrimatórios.

e um campanil ligeiro para a garrida — campanário.

nas avistadas — arredores.

cortinas creneladas — «crénulé, crénéle ée» (fr.) — crenulado, crénula, crenel, crena.

metros de prumada — prumo, a prumo.

altanice — altanadice, altanaria.

suante de mistério

profilando os seus galbos d'alva cor — «profiler» (fr.), projectar de perfil; «galbe» (fr.), contornos.

pensatividade

corporejam duas chaminés

espuriar — de espúrio.

derodeando — *derodear* — em redor.

obsedante — «obséder» (fr.) no part.

provabilisar — de provável.

nostalgisar — de nostalgia.

a arte, na galanura exterior dos edificios — galanice, engalanamento.

crasta solareiga — solarenga, solariêga.

principengo palacio — principesco, principalho.

cheraviscar — fuinhar.

capullo — «base formativa», arquit.

um postigo, templete ou arco manuelino

desenrolo — desenvolvimento, de desenrolar.

quando não os feijões com alabaças e cagarripas salô-bras da barreira — plantas hortenses. Vej. «Vocabulário alemtejano» citado.

poialitos — pequenos poiais.

deladeando — *deladear* — de lado, de um e outro lado.

torrejamento — de tórre, torrear.

stêpa brazilenha — brasilense, brasiliana, brasilica.

casocas — casotas, casinholos.

em moïnhas confusas — moïdeiras, sons monótonos, repetidos, vagos.

pilastrilhas de pedra — pequenas pilastras.

catel — câtele, catre, tamborete.

ia dos bailaricos terrenhos ás advinhações de pulhas e charadas

portetas — pequenas portas.

medievalisa as ideas

por derivaença — derivação. Usa-se no nôssô povo. — «Foi derivaença do pai...» —

rodeira a Beja — em roda de Beja.

gentuza — gentaça, gentalha. Aqui dizem gentuça.

lhe soleassem boas vindas — de solo, trec. mus.

semeões e mantieiros — os que semeiam e tratam.

acanhão — acanhamento. — «Deu-te agora p'ra a acanhão...» —

excelcesa — excelência.

minúsculerias — minúscularias (como escreveu n'«Os Gatos»), pequenices, nonadas.

gestos de bichininar — bichinar.

exhibencia — exhibição.

atado em barbuqueixo — na barbela, como diria o minhoto.

mulherota

são pandeirões desastrados e tunantes — naturalmente por pandegões.

arrufos palaceigos — palacianos.

quiçã albanilem e carpintejem — de albanel — alvanel — pedreiro de alvenaria; (fig.): o que faz obra tósca.

banzara — banza, viola: é popular. Veja bânzera no «Voc. alemt.» de T. Pires. Entre nós é bânzara que dizem, donde banzarrear.

a elegia cazeosal (do fado) — de caseoso, aqueijada, gorda, molenga, sebenta.

o queixume aiado e lyrico da baceira luzitana — de baço (baceiro), de bacento, ou de baceira — febre?

sensitividade

repulir — repelir, repulsar, fazer esquecer.

conflitar — de conflito.

o «aturuxo» soez das orgias bordelengas

lezardentos — de «lézard» fr.

sequilhos (das bestas) — guisos, de ceguíim.

passeatas lazaronicas

puchero — pochero, de poche, bolsa.

os carrapiços da trunfa — carrapichos. E' corrente neste sentido.

e o preto azul dos monhos — «Bluteau»: topete postiço, que usavam as mulheres calvas.

parasolam — parassolar — abrigar.

libras a derrochar das burras — a despejar, a derronchar.

classe rotineira e pézuda — pesada, teimosa, pesunha.

aparvajado — aparvalhado, parvajola, apanascado.

courelas sem olivos — oliveiras, árvores.

vôos de gryfos helycoidam no ar legendas funebres.

Safa, safa... A jornada vai que nem a légua da Póvoa. Tenham paciência. Só alguns minutos de gratidão, mesmo porque já sinto a florir em nevado luar o entristecido anoitamento dêste pequeno dia de férias.

São ainda palavras do grande escritor que me ajudarão a falar do *dr. Agostinho de Campos*:

«Portugal precisa de professores que só trabalhem no ensino, e tenham a inteireza de viver pobres, por êle e para êle, sem tergiversar por práticas videiras. Em tôda a parte o bom sábio é como o bom padre, uma criatura de abnegação, rebelde às glórias da mundaneidade e às ciganices do dinheiro, sofrendo pelos outros, vivendo para os outros, na exclusivação dum ideal messiânico e divino. E' por êsse abandono formal dos bens terrenos, por êsse destêrro voluntário numa tebaida de estudo, por essa exclusivação numa vida de chama e sacrificio, que pensadores, professores, sábios e artistas teem no culto das multidões uma exaltação moral distinta, pois, como diz *Nietzsche*, são «os espiadores do espírito, que desfloram o conhecimento immaculado» e formam na humanidade como uma aristocracia de monges e de santos.» — (*Saibam quantos... — Instrucção e educação popular*). Traduzem o mais íntimo de meu pensar sôbre esta nobre figura moral de educador. E' mais difícil discorrer dos vivos do que dos mortos, máxime num pequenino horto como o nosso, onde rareia o trabalhador, mas superabunda o poeta que o visiona em jardim, quando não o farfalhudo que de tudo sabe discretear. Ao *dr. Agostinho de Campos* não faltam, dos competentes, os estímulos e aplausos que a sua obra merece e impõe sem favor, nem das autoridades o relêvo ao incontestado beneficio da gigântea emprêsa que, dia a dia, a sua inteligência e amor executam com agradável perfeição.

Conheci, estudante, o nome simpático dêste homem, que creio bom e justo, ligado ao lúcido e carinhoso *Alberto d'Oliveira*, com a publicação das *Mil Trovas*; fui seguindo a sua obra, depois, naturalmente cativo dos seus úteis, sinceros, honestíssimos e, ó maravilha!, sensatos ensinamentos (*Educação e Ensino*; *Europa em guerra*; *Casa de Pais, Escola de Filhos*; *Jardim da Europa*; *Educar*). E sempre, no livro como no jornal, na politica tanto como no professoria-

dô, vencedor ou vencido, na Direcção Geral, que tomou a sério, ou simples estudioso, *Agostinho de Campos* se mostrava norteado pelo sãõ intuito de contribuir com o talento do seu espirito e com o ideal de sua alma, com seu claro raciocínio e fria — porque serenamente reflectida — mas amantíssima dedicação pelo alevantamento das novas gerações, hesitantes, atónitas de incerteza, envenenadas de fanatismo, palavrorio e mentira, na idade mais ingrata e no século desatento, amoral, dinheirático e crassamente pervertido.

A *Antologia Portuguesa* é como um novo curso do bom mestre a um discipulado mais vasto. Sejamõs francos — a empanturração scientifica trazia-nos arredados do humanismo. A' porta da aula de portuguez ou de latim o nosso vaidoso estudantismo encolhia os ombros e bocejava, remoia-se da grandíssima estopada. Dizíamos, de outiva, lindas suavidades aos clássicos, mas, face a face, pela calada do estudo atirávamos-lhes nomes irreverentes, chascosos. *Lucena* — sim, esse mostrengo do *Lucena!* —, ¿ quem o aturaria com a sua «*Vida do Padre Francisco de Xavier*» (1)

(1) Há, na biblioteca da *Sociedade Martins Sarmento*, um exemplar, em bom estado, da primeira edição. Diz no rosto

*HISTORIA DA VIDA
DO PADRE FRAN
CISCO DE XAVIER*

E do que fizêrão na India

os mais Religiosos da

Companhia de Jesu

Composta pelo Padre Ioam de lucena

da mesma Companhia Portugues na

tural da Villa de Trancoso

Impressa por Pedro Crasbeek

Em Lisboa

Anno Do

Senhor 1600

Tem as 908 pág. de texto, em duas colunas, mas não as tabuadas e erratas. Foi oferecido à Sociedade pelo Conde de Vila Pouca.

senão por desfazio de convalescença, na entrevação de emplastos e boticas, meio adormecido nas almofadas, ou de caturreira nas eternas seroadas do inverno provinciano? *Agostinho de Campos* apresenta-o com tal jeito que o mais trombudo livre-pensadors e esquece do jesuíta, admira o homem e se deixa seduzir de sua narrativa. E a leitura aproveita como lição da lingua (4), como elemento de história, mesmo como interessante informe do movimento religioso.

Obra patriótica, muito oportuna, inteligentemente

Transcrevemos a dedicatória

A Serenissima Senhora
Dona Catherina, Senhora dos
estados de Bragança

As rezões, que eu tenho pera offerecer a V. A. os fruytos de meus estudos, sam tam sabidas, que me desobrigam de a dar deste atrevimento. Porque por parte de nossa minima Companhia, demais della ser propria herança, que V. A. ove dos Reis dom Ioam, don Sebastian, dom Anrique, tios & sobrinho de V. A.; V. A. com as grandes m. m. que continuamente lhe faz, a tem feito toda sua: & quanto ao meu particular, sô ha em que por os olhos no em q V. A. & os excellentissimos Duques senhores dessa casa em mî fizeram, & poseram. A pouquidade da obra somente nie deuera defer pera a nam mandar diante de V. A. mas as prinicias bastalhe ser primeiras, pera nam deixarê de ser agradaueis por imperfeitas: & posto que estas o sejam por o que tem de meu estou certo que a materia em si sera bem recebida, & estimada de V. A. por ser a vida d'hum varam santo, & santos trabalhos dos que na India o acompanharam, & seguiram na dilataçam da fe com ardente zelo da gloria de Deos, & salvaçam das almas: que como deve ser o sim de todos os intentos dos Principes verdadeiramente catholicos: asi he, & foy sempre a maior satisfaçam, & todos os gostos de V. A. Nosso Senhor de a V. A. muito de seu diuino espirito.

Ioam de Lucena.

(4) Lá estão na prosa de *Lucena* muitas expressões ainda peculiares ao nosso povo e a cotio vulgar: — *acabar com alguém ou com alguma coisa* — por conseguir de alguém ou liquidar algum assunto; *declarar* — por explicar; *encarecer* — por exagerar; *havê-lo com alguém* — por aturá-lo ou sofrê-lo; *jôgo* — por espectáculo; *vigia* — por vigília; *fazer mais vantagem* — por levar mais vantagem; *fábrica* — por construção; *atalhar* — por abreviar; *esgalho* — por galho; *conto* — ponteira (ou conta); *tirar a* — assemelhar-se; *murtinhos*; *praso* — propriedade; *tranqueiras* — estacadas; *sangrar as águas*.....

coordenada, de séria utilidade imediata e de valiosíssimos proveitos no futuro, se confirma poderosamente, vai contribuir para doravante invalidar estas amargas reflexões: «Mas, quando se percorre o que destes grandes prosadores (os *Barros, Lucenas, Bernardes, Sousas*, etc.) disseram uns e outros dos seus pseudo-panegiristas ou críticos, pouco mais se encontra do que um tilintar de adjectivos sonoros e ocos, quando não é a simples repetição, religiosa, supersticiosa, misteriosa, dos nomes que elles usaram. E a respeito da significação de cada um, do seu valor literário relativo, da importância que tiveram ou teem como artistas, do ensinamento ou influência que uns dêles hajam recebido dos outros — nem palavra aproveitável...»

Os juízos preconcebidos, a leitura automática, a análise dogmatizada em meia dúzia de axiomas, velhos e rançosos como a própria forma usual de interpretar os clássicos, desaparecem com a lição excelente não só do próprio texto, aproximado, sem deturpação, da moderna linguagem, mas também dos estudos, minuciosos, claros, feitos com saber, ironia e aprumo, relativos à vida dos autores e dizendo-nos o meio em que viveram, os seus predecessores e herdeiros espirituais, a natureza e regras do seu estilo.

Assim, *Fernão Lopes* nos aparece outro do cliché gasto e sabido e atendendo os esforços dos *Paladinos da Linguagem* se afervora o nosso amor à velha casa por onde vagueiam hoje ainda, em noites de velada do espirito, do coração ou da consciência, as almas nobres dos antigos solarengos, êsses que deram lustre e nome ao nosso pobrito e amado lar natal.



Sejam, por sua vez, algumas palavras do *dr. Agostinho de Campos* que sirvam, com indiscutível autoridade, a manifestar o meu profundo reconhecimento a uma escritora ilustre: «Entre as várias senhoras portuguezas que actualmente se consagram à missão tam agradável, tam útil, tam feminina de escrever para as crianças, figura a sr.^a *D. Emília de Sousa Costa* como uma das mais assíduas e mais compenetradas.

Creio não errar, consignando que os seus três ou quatro volumes iniciais são florilégios de contos mais ou menos fantásticos: contos de fadas, histórias da Carochinha, literatura de imaginação e de fantasia.»

Obras posteriores da muito distinta escritora vieram ainda mais justificar estas merecidas considerações.

Polichinelo no Minho (*Biblioteca Infantil — n.º 5 — Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira — Praça dos Restauradores, 17 — 1921*) é um livro encantador, fruto duma inteligente e acariciadora bondade maternal. É obra duma senhora de espírito culto, mas e sobretudo duma mulher de coração. A literatura infantil é extremamente perigosa. Há os livros de fantasia desvairada que enraízam falsas noções da vida e transplantam a imaginação das crianças a paraísos perdidos, onde as pequeninas almas, espreitadas avidamente pela realidade do mundo, vagabundeiam preguiçosas e iludidas. Outros descambam num científico materialismo, enormemente pesado, criando, e com sobejos motivos, de cedo, o fartum dos livros de ensino. E muitos, com suas princesinhas encantadas e galanteadores de elmo e bandurra, são espessos enchimentos de anedotas imorais com adultérios, incestos e pornografia vária.

A Senhora *D. Emília de Sousa Costa* consagrou-se a uma obra que merece não só aplauso, mas o vivo reconhecimento das famílias da nossa terra. Em nome dos pequeninos — obrigado.

Queria finalmente referir-me a outras obras :

J. A. PIRES DE LIMA :

A Teratologia nas Tradições Populares

(Separata dos «Arquivos de História da Medicina Portuguesa»)

O dente-santo de Aboím da Nóbrega e A Lenda de S. Fructuoso (Abade)

(Extracto dos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia»)

LUÍS DE PINA :

Sol Nascente

(Guimarães — Pap., Enc. e Tip. Minerva Vimaranesense — 1921)

A. DE AMORIM GIRÃO :

Antiguidades Pre-Históricas de Lafões

(Publicações do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra — N.º 2 — *Memórias e Notícias* — Coimbra, Imprensa da Universidade — 1921)

Mas é tempo. O primeiro revela mais uma vez as suas excelentes faculdades de estudioso, o seu apêgo às curiosidades folclóricas do nosso povo. Estreia de poeta, *Luís de Pina* dá-nos a impressão de vir a marcar o seu lugar entre os novos, honrando a nossa terra. Da obra de *Amorim Girão* procuraremos tratar no próximo número, quando acabarmos a sua interessante leitura.

EDUARDO D'ALMEIDA.